

A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre¹

Allan CANCIAN Marquez²
Fábio Luiz MALINI de Lima³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES

Resumo

A popularização da direita é um fenômeno recente no Brasil, sendo um importante movimento em curso desde 2014, quando ocorreram as primeiras manifestações antipetistas no país. Emergiu neste contexto grupos que reivindicavam o *impeachment* de Dilma Rousseff – como o Movimento Brasil Livre (MBL) – utilizando das redes sociais para alcançar cada vez mais pessoas insatisfeitas com o momento do país. Buscamos assim discutir e entender a ascensão de uma “nova direita” no Brasil, usando como objeto empírico o MBL, por ser o grupo que mais gerou e gera discussões e controvérsias em rede e que se firmou como principal movimento antipetista e anticorrupção nas manifestações de 2014 a 2016.

Palavras-chave: Movimento Brasil Livre; nova direita; big data; redes sociais; métodos digitais.

Introdução

O Movimento Brasil Livre (MBL) é um dos efeitos imediatos dos resultados da eleição altamente polarizadas de 2014. O Movimento Brasil Livre (MBL) é o ator do campo da nova direita brasileira que mais gerou e ainda gera discussões e controvérsias em rede. Para averiguar se nossa hipótese de que o movimento mudou seu discurso conforme o quadro político ficava mais à direita está correta, além de teorizar sobre o Big Data e a Ciência de Dados para a pesquisa social em política, analisaremos a principal postagem no Facebook do MBL em quatro momentos importantes para o movimento, o que será esmiuçado nas partes finais do trabalho.

¹ Trabalho apresentado no 1º Simpósio Direitas (Da Redemocratização ao Governo Temer, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Mestrando no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Pesquisador do Labic (Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura), E-mail: allancancian@gmail.com.

³ Prof. Dr. Fábio Malini, Professor Adjunto na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde também coordena o Labic, E-mail: fabiomalini@gmail.com.

Contradições e semelhanças entre a velha e a nova direita

Embora possamos definir a direita como sendo “o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo” (SILVA, 2014, p. 151), precisamos ir além e perceber as distinções existentes dentro dessa mesma ideologia, tanto no passado quanto atualmente.

É Giddens (1994, apud COMPARATO, 2014) quem irá teorizar a respeito do pensamento ideológico de direita no passado, onde para ele existiam três tipos diferentes de partidos: os *conservadores*, que eram moderadamente contrários a mudanças, por acreditarem que elas poderiam ser por eles controladas; os *reacionários*, que tinham como meta reestabelecer o passado; e os *fascistas ou contrarrevolucionários*, que eram iguais aos reacionários por terem ódio ao presente e aos ideais comunistas, mas que diferiam deles por utilizarem de métodos violentos, além de serem oportunistas e extremamente radicais.

Quando avançamos em busca de uma definição sobre a direita brasileira dos dias atuais, encontramos em Adriano Codato e Bruno Bolognesi (2017, online) duas configurações diferentes sobre os partidos políticos disponíveis hoje. Para os autores, o primeiro tipo seria a velha direita, chamada por eles de *Direita Laica* e concentrada de partidos que possuem alguma ligação com as ditaduras militares, que têm como características essenciais a defesa moderada da não intervenção do Estado na economia, a defesa da moral cívica e da família tradicional, bem como a crítica aos programas sociais de compensação financeira, como Bolsa Família, por exemplo.

Já a nova direita surge “tanto como resposta política e eleitoral à velha direita como resposta à ascensão da esquerda” (CODATO; BOLOGNESI, 2017). Chamada por eles de *Direita Religiosa*, esses partidos teriam como aspiração a intervenção limitada do Estado na economia, a garantia de igualdade de oportunidades a partir de programas sociais, além da defesa radical dos valores cristãos e da família tradicional – a chamada “gente de bem”, também visualizado nas políticas da velha direita.

A direita, em todos os seus formatos já criados, sempre esteve ligada a pauta da defesa do mercado. Porém, a nova direita expressa um maior apoio a democracia e as liberdades individuais e de apoio ao consumo, embora a pesquisadora Roeder, juntamente com Codato e Bolognesi (2015), salientem que a igualdade de

oportunidades levantados por esses grupos não deve ser traduzida como igualdade plena. Temas como aborto, participação feminina em cargos políticos ou o casamento igualitário, por exemplo, são questões que ficam ausentes do debate entre tais partidos. Também segundo os autores:

“Enquanto a direita tradicional primou pela manutenção do *status quo*, pelas políticas que favoreceram os mais ricos (vantagens tributárias, desregulamentação de mercados, etc.), essa nova “família de partidos” (Ennsner, 2010) reconhece que não é possível governar sem olhar para os socialmente excluídos (e, em especial, para seu respectivo peso eleitoral). Não buscam dar melhores condições materiais de vida para os cidadãos, mas sim estabelecer um pacto de igualdade de oportunidades”. (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015, p. 121)

É ao propor algo próximo a esse debate que Sérgio Amadeu (2015) disserta sobre as mensagens utilizadas por grupos conservadores da nova direita. Segundo o autor, “o pensamento de direita possui mais aderência ao senso comum, uma vez que a sociedade capitalista só pode sobreviver se reproduzir sua dinâmica como algo quase natural” (AMADEU, 2015, p. 229). Já ao se referir sobre as articulações políticas dessa nova família de grupos e partidos conservadores, Amadeu afirma:

“O novo conservadorismo se articula com diversas lideranças religiosas quando se trata de temas, tais como orientação sexual, prática de gênero, educação, concepção de família, política criminal, controle da internet, entre outros debates que envolvem valores” (AMADEU, 2015, p. 228 e 229).

Após diferenciarmos velha e nova direita, resta-nos apontar, discutir e entender quais as estratégias utilizadas por essa ideologia “repaginada” para levar milhões de brasileiros a compartilharem suas pautas conservadoras, além de elucidar quais os principais grupos por trás dessas mobilizações, como são organizados e quais suas principais controvérsias.

Think tanks e as novas estratégias em rede da direita no Brasil

Não é de hoje que a direita tenta reconquistar o poder no Brasil. Para os pesquisadores Tatagiba, Trindade e Teixeira (2015) os grupos e partidos conservadores procuram deslegitimar a esquerda e seus políticos desde que ela conquistou a presidência da república com o Partido dos Trabalhadores (PT). Segundo os autores, foi a partir de 2007 e dos escândalos do Mensalão que a direita começou a ser mais incisiva em seus protestos. “O que os une, desde 2007, é a luta contra o PT e contra a corrupção,

a partir de um discurso que associa os governos petistas ao mau uso da máquina pública” (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015, p. 198).

Contudo, foi em 2013 e 2014 que o conservadorismo começou a ganhar força. Além de seus partidos terem voltado a crescer em representação na Câmara dos Deputados, algo que não se via desde 1998, novos grupos deram seus primeiros passos para fomentar estratégias para retirar seus opositores do poder, encontrando sua principal força nos brasileiros indignados com a situação do Brasil naquele momento.

Autores como Delcourt (2016), assim como os pesquisadores citados acima, também acreditam que a aversão aos partidos de esquerda, em especial o Partido dos Trabalhadores, contribuiu para o fortalecimento dos grupos conservadores. Delcourt acredita que esses agrupamentos dão uma nova cara as pautas utilizadas pela direita desde seus primórdios, se apresentando como os defensores da classe média e pregando uma maior autonomia do mercado diante do poder do Estado. Com essa motivação, surgem assim as primeiras *think tanks* da nova direita no país.

Com *think tanks* queremos nos referir às instituições de pesquisa e de análise política que atuam em nossa sociedade, “procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas” (ROCHA, 2015, p. 262). Com linguagens acessíveis e de formato fácil de ser compreendido, estes grupos compartilham suas visões de mundo em busca de moldar as condições políticas existentes, não apenas as divulgando e promovendo debates, mas também com o intuito de dissolver qualquer pensamento que seja de cunho progressista, a fim de derrubar seus opositores (MORAES, 2015).

Estes grupos de pesquisa existem a anos e desde o início se interessam em treinar jovens pensadores e ativistas conservadores e combater as tendências progressistas, por exemplo. Para Moraes (2015), os primeiros *think tanks* nasceram na década de 1970 nos Estados Unidos da América e tinham como objetivo uma pesquisa aplicada em solucionar problemas de políticas públicas, sendo intermediadores entre a academia, a sociedade e os detentores do poder. Porém, para o autor, o que esses núcleos de investigação da nova direita buscam não é tão somente isso, já que os interessa muito mais a divulgação das ideias ditas como verdadeiras e já testadas de antemão, a fim de moldar o pensamento dos indivíduos sobre determinados ambientes políticos.

“Em suma, *think tanks* não se limitam a modular as políticas. Tentam é modelar o ambiente geral da política, a agenda. O que pretendem, podemos dizer, é definir o quadro em que se formam as percepções da realidade, de modo a induzir as ‘escolhas’ e ‘preferências’”. (MORAES, 2015, p. 232)

Esses novos grupos se aproveitam das ferramentas disponíveis na internet para se firmarem, utilizando-se de sites e redes sociais para compartilharem seus conteúdos, fomentar a opinião de seus seguidores e repercutir suas opiniões conservadoras. Para Delcourt, “esta direita que mobiliza na rua e multiplica os atos públicos é formata de uma multiplicidade de organizações e grupúsculos mais ou menos ligados entre si formando rede” (DELCOURT, 2016, p. 127). Seguindo o mesmo preceito, Almeida (2017) apresenta esses grupos como sendo altamente estratégicos ao utilizarem das redes para gerar seus movimentos. Segundo ele esse novo pensamento foi “um divisor de águas na forma de se fazer política e que abriu espaço para o protagonismo de jovens e de novos grupos” (ALMEIDA, 2017, online).

Na perspectiva de Dênis de Moraes (2001) as redes facilitam a intercomunicação de indivíduos, que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos, criando assim algo maior e mais social. Na visão de autores como Amadeu e Farrell (2012) o custo para tornar-se um emissor ou falante na era das redes é eliminado, interconectando a esfera pública enquanto faz emergir novos temas em uma frequência muito rápida, daí a facilidade em criar comunidades para discutir quaisquer ideias. Ao unir isso com o relativo anonimato e o menor risco de violência física, aumenta a propensão dos indivíduos se expressarem da forma que preferirem.

Como também ressalta Lemos (2008), o ciberespaço é um ambiente incubador de ferramentas de comunicação, com uma estrutura descentralizada e que conecta vários pontos, criando uma territorialização, ao mesmo tempo que também desterritorializa. E é dentro dessa facilidade em se comunicar que grupos, sejam eles conservadores ou não, nascem e começam a ganhar mais e mais apoiadores em seus canais pela internet. Essas comunidades virtuais são fundamentais para potencializar as discussões promovidas por grupos de ativistas, artistas e formadores de opinião, sendo muito bem aproveitadas pela direita nos últimos anos como forma de se expressar politicamente contra pautas e políticos da esquerda.

O Movimento Brasil Livre como principal grupo da nova direita

Ao voltar nossos olhos para a insurgência de grupos conservadores no Brasil, encontramos a Rede Estudantes Pela Liberdade – EPL (*Students For Liberty*, em inglês) como sendo a principal *think tank* brasileira. A rede, embora seja uma organização não-governamental criada nos EUA e que conta com cerca de 50 sedes espalhadas em várias partes do mundo, possibilitou em nosso país o florescimento e amadurecimento das pautas e nichos conservadores. Em sua página na internet⁴ a EPL afirma ser uma “organização apartidária formada por jovens comprometidos com a promoção, a partir da Academia, de uma ordem social harmônica, justa e livre, ancorada no respeito às liberdades individuais, à propriedade privada e à vida humana”.

Buscando desenvolver suas pesquisas, mas de forma a continuar se mantendo mais afastada do centro político nacional, a rede EPL funda o Movimento Brasil Livre⁵ – MBL – para administrar um contato mais próximo para com a sociedade brasileira. Ao se utilizar da indignação com a corrupção e ter os políticos do PT como principais opositores, o movimento surgiu em 1º de novembro de 2014 e tem como defesa o liberalismo e o republicanismo político, se dizendo apartidário até aquele momento. Segundo seu manifesto, o grupo tem como objetivos defender a imprensa livre e independente, a liberdade econômica, a separação de poderes, além de eleições livres e idôneas e o fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras⁶.

Para Amadeu (2017), os grupos da nova direita aproveitaram de recursos já utilizados pela esquerda para se promoverem. O MBL, por exemplo, teve o nome inspirado no MPL (Movimento Passe Livre), enquanto o “Vem Pra Rua”, outro movimento conservador nascido a partir de 2014, se aproveitou do lema da esquerda em junho de 2013 para se lançar. Segundo o autor “é uma batalha semiótica por vários termos, envolvendo desde coletivos construídos a dedo até alguns menos coesos” (AMADEU, 2017, online).

A partir de 2015 o coletivo começa a se mobilizar mais intensamente e promove uma série de protestos *pró-impeachment* da até então presidente Dilma Rousseff, levando milhares de pessoas às ruas de todo país (SANTOS; VIEIRA, 2016). Em cada

4 Página do Estudantes Pela Liberdade que explica sobre o grupo, além de seus valores e missões: <https://epl.org.br/quem-somos> <Acesso em 17 de outubro de 2017>

5 O grupo é até hoje o que mais mobiliza, tem alcance nacional e gera conteúdo antiesquerda em suas redes sociais, com mais de 2,4 milhões de seguidores apenas em sua página nacional no Facebook. (<https://www.facebook.com/mblivre/>) . <Acesso em 17 de outubro de 2017>

⁶ Matéria disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/o-que-querem-os-jovens-de-direita-que-marcham-rumo-brasil-35601/> <Acesso em 17 de outubro de 2017>

um de seus atos (15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de março de 2016) o movimento conseguiu avançar suas discussões para além da internet, utilizando-se sempre do antipetismo para a construção de tais pautas. Para Delcourt “o antipetismo constitui o principal cimento desta nova direita, seu mais sólido traço de união, seu princípio unificador, mas também seu principal negócio” (DELCOURT, 2016, p. 129).

Corrupção é o outro tema defendido pelo MBL e por outros grupos mais conservadores. Para Koerner e Schilling (2015) “o combate à corrupção possui forte conotação positiva, pois se baseia num consenso genérico e difuso pela moralidade política, daí seu uso como mobilizador da opinião pública” (KOERNER; SCHILLING, 2015, p. 82), mas afirmam logo em seguida que o uso de artifícios assim “produzem efeitos certos sobre a reputação e perspectivas políticas” (KOERNER; SCHILLING, 2015, p. 83). Dessa forma, o que os autores criticam não é o uso de denúncias sobre corrupção, mas sim sua prática apenas para inverter o quadro político a favor desses grupos.

Porém, é a partir de 2016 que o MBL começa a mudar suas estratégias, principalmente após a queda de Dilma e entrada de Michel Temer na presidência do governo brasileiro – mantendo-se afastado da organização de quaisquer protestos ou postagens contrárias ao novo presidente. Ainda nesse ano o grupo, que se dizia apartidário em seu início, criou alianças com partidos da bancada ruralista e evangélica do Congresso, em defesa de pautas liberais, como menor intervenção do Estado na economia, reforma trabalhista, ajuste fiscal, entre outras pautas⁷.

Em 2017 o movimento voltou a ganhar espaço, dessa vez defendendo pautas mais conservadoras nas áreas da moral e dos costumes. Ao se diversificar de sua agenda liberal, o grupo protagonizou em suas redes sociais uma campanha de boicote⁸ à exposição “*Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*”, realizada pelo Santander Cultural de Porto Alegre, a qual diziam se tratar de obras que ofendiam a fé cristã e faziam apologia à pedofilia e à zoofilia. O fato ganhou muito mais repercussão quando o banco Santander suspendeu a exposição, o que evidenciou a força que o movimento ainda continha para influenciar seu grande público. Para Rocha (2017, online) o MBL hoje é um movimento liberal-conservador, sendo flexível em suas

⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1766785-mbl-ruralistas-e-evangelicos-se-unem-por-agenda-liberal.shtml> <Acesso em 17 de outubro de 2017>

⁸ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/liberal-mbl-oscila-entre-o-estado-minimo-e-o-conservadorismo-moral> <Acesso em 17 de outubro de 2017>

pretensões e irredutível com “iniciativas culturais que eles identificam como ‘de esquerda’ ou que promovam valores ligados à diversidade sexual, e para isso utilizam uma justificativa conservadora” (ROCHA, 2017, online).

É por perceber e querer entender todos os fluxos do Movimento Brasil Livre que este artigo se debruça em tal objeto, tão complexo e multifacetado, que obteve nas redes sociais sua força para se tornar o maior grupo político da direita no Brasil. Graças ao uso do Facebook como principal ferramenta para submissão de suas postagens, a metodologia necessita de um maior aprofundamento na área da Ciência dos Dados e do Big Data, a fim de jogar luz nos principais conceitos e introduzir teorias de coleta e análise desses dados para a parte empírica do trabalho, bem como seu uso em áreas como Comunicação e Política.

Big Data e Ciência de Dados e sua utilização como metodologia

Embora a ciência dos megadados seja relativamente nova, o Big Data tem gerado a curiosidade de alguns teóricos de diferentes áreas acadêmicas. Alguns o veem como um fenômeno sem precedentes, que trabalha com uma imensa quantidade de informações a fim de resolver os mais diversos problemas (FREDERIKSEN, 2005; DI MARTINO, 2010; LAGOZE, 2014; MCAFEE & BRYNJOLFSSON, 2012), já outros o entendem como dados que ultrapassam a capacidade de processamento dos sistemas convencionais de análise (DUMBILL, 2012; MANOVICH, 2012; MANYKA et al, 2011). Há também os pesquisadores que visualizam o Big Data como trabalhos em grande escala que não devem ser analisados como os de escala menor, produzindo insights que ajudam várias áreas da sociedade, como os mercados, a academia, organizações políticas, entre outras (SCHONBERGER-MAYER e CUKIER, 2013; BOYD e CRAWFORD, 2012).

A análise desses grandes dados permite novas abordagens metodológicas que possibilitam fazer e responder as perguntas de outras maneiras, sendo uma ferramenta de múltiplas possibilidades. A Ciência de Dados (*Data Science*) é o ramo científico que nasceu como forma de estudar os fenômenos provenientes dos megadados. O termo apareceu na literatura da ciência da computação ao longo das últimas décadas do século passado, porém, foi no final dos anos 1990 que o campo começou a ganhar suas primeiras comunidades de adeptos à extração e análise dos dados, alcançando pela

primeira vez em 2001 o status de disciplina independente (HERMAN et al, 2013). De acordo com Manovich (2011), foi o avanço das ferramentas da internet quem contribuiu para instituir o *data science* como uma ciência dos dias atuais.

Para autores como Rodrigues (2017), é essa quantidade de possibilidades e laços em rede que contribui para a análise dos dados. A pesquisadora observa que “a imensa quantidade de perfis e informações oriundas desses dados criam perspectivas diversas sobre determinados assuntos e áreas de interesse, permitindo a visualização de novos padrões e de pesquisa interdisciplinar” (RODRIGUES, 2017, p. 37). Para ela é essa ascensão e a capacidade de analisar dados de diversas formas e volumes exponenciais que torna o Big Data a base fundamental para inovação e produtividade.

Por ser uma ciência nova, interdisciplinar e carregada de conteúdo, muitos entusiastas têm ajudado a enumerar as melhores formas de se trabalhar com os dados. Rodrigues ainda cita os autores Porto e Ziviani (2014) para discutir os aspectos centrais da Ciência de Dados com base em sua expansão teórica e conceitual com relação a outras disciplinas. Para eles, “a ciência de dados emerge como componente cada vez mais importante nas mais diversas áreas” (PORTO E ZIVIANI, 2014, p. 2 apud RODRIGUES, 2017, p. 37). Também na mesma linha de raciocínio interdisciplinar, Malini (2016) apresenta a Ciência de Dados como “um campo em formação - derivada da mistura de Ciências Humanas, Estatísticas, Física e Ciências da Computação, predominantemente - que nos permite testar novas possibilidades” (MALINI, *online*).

Sobre de onde prover esses dados, seguindo a lógica conceitual de Manovich (2012), os pesquisadores afirmam que os grandes dados possibilitaram dar uma atenção a informações antes consideradas sem valor, como um comentário em uma rede social, por exemplo. Para eles, “em vez de analisar apenas um percentual de dados, como uma amostragem, por exemplo, seriam analisados além da amostragem, dados de diversas fontes nunca utilizadas antes” (CALDAS & SILVA, 2016, p 74).

Outros autores mais preocupados com a utilização e o estado dos dados adotaram pesquisas direcionadas a estudar as características multidimensionais do Big Data. Um desses pesquisadores foi Laney (2001 apud LAGOZE, 2014) que, tentando compreender a complexidade dos dados, defini-os como sendo volume, velocidade e variedade (os chamados 3V's do Big Data). O *volume* refere-se a seu tamanho. A *velocidade* está ligada a seu caráter dinâmico e sua capacidade de processamento em

uma escala necessária para torná-lo útil e mantê-lo em funcionamento. Já a *variedade* significa a mistura de tipos de dados heterogêneos em um mesmo *dataset*⁹, criando uma necessidade em resolver essas diferenças para tornar os dados úteis.

Autores como Marr (2015, *online*) acrescentam ainda a *veracidade* e o *valor* como características inerentes aos grandes dados. O primeiro refere-se a sua desordem ou confiabilidade, ou seja, devem ser de qualidade e com informações precisas sobre o tema tratado. Já o segundo significa a capacidade de transformar os dados em valor, isto é, a habilidade de quem está pesquisando os dados em compreender a real importância do mesmo, seu recorte e elementos essenciais para sua compreensão. Dessa forma os autores que buscam uma definição mais global do Big Data se utilizam desses 5V's como conceitos iniciais de suas pesquisas e análises.

Como vimos até então, a Ciência de Dados está focada na obtenção de informações a partir dos dados, ao contrário de outras ciências que buscam os relatos em fatos históricos. Entretanto, algo deve ser entendido quando falamos de Big Data: a quantidade de dados não significa dizer que necessariamente encontraremos melhores pesquisas ou informações completamente destrinchadas em seu entendimento, já que quantidade não significa qualidade. É muito importante também estabelecer estratégias de ir do *big* ao *small* data, a fim de tornar mais qualitativa qualquer tipo de análise social.

Antes de confiar totalmente em um *dataset* é necessário verificar sua genuinidade, o que, de acordo com a empresa de consultoria e marketing Booz Allen Hamilton (HERMAN et al, 2013), isso não é compreendido pela maioria das pessoas. Segundo a empresa, enquanto a maior parte das pessoas associa volume, velocidade e variedade com a veracidade dos dados, pesquisas incorretas e de metodologia incerta são produzidas mundo afora. “Você deve avaliar a veracidade e a exatidão dos dados, bem como identificar informações ausentes ou incompletas¹⁰” (HERMAN et al, 2013, p. 82, tradução nossa).

O caráter interdisciplinar do Big Data faz com que ele esteja envolvido em questões de áreas completamente distintas entre si. Quando relacionado a política, a Ciência de

⁹ *DataSet* é um conjunto de dados que consiste em uma série de registros tabulados (em formato de tabelas). Cada coluna representa uma variável particular e cada linha corresponde a um determinado elemento do conjunto de dados em questão.

¹⁰ No original: “You must assess the truthfulness and accuracy of the data as well as identify missing or incomplete information”.

Dados se mostra promissora em entender os diálogos desses atores na internet, assim como suas redes, com pesquisas interessadas em usar o Big Data como principal metodologia para o marketing de campanhas políticas. Pesquisadores como Lowe e Benoit (2013) acreditam ser possível analisar mais rapidamente o contexto semântico nos meios digitais e até em debates, para compreender a ideologia e o sentimento dos políticos em determinados contextos.

Em suma, os pesquisadores dessa nova área não descartam os resultados e métricas criados por profissionais de outras áreas. Ao pensar na versatilidade do Big Data, autores como Borgman (2015) afirmam que os “dados de pesquisas acadêmicas podem ter valor comercial e dados comerciais podem servir aos interesses acadêmicos, levando a novas parcerias e novas tensões¹¹” (BORGMAN, 2015, p. 8, tradução nossa). Em resumo, é essa troca de informações que permite ao Big Data continuar crescendo em relevância e poder de investigar as mais variadas nuances da vida em sociedade.

Metodologia

A proposta deste trabalho é entregar uma visão qualitativa sobre as linhas discursivas utilizadas pelo Movimento Brasil Livre para promover seus ideais liberais-conservadores na internet, com a finalidade de apontar quais os principais atores atacados pelo grupo e qual a identidade que o MBL acaba por assumir nas redes.

Após uma pesquisa inicial em sites de portais jornalísticos, conseguimos detectar quatro momentos entre 2016 e 2017 que foram de grande importância para o movimento ou para a história recente do Brasil. O primeiro desses tempos é referente à manifestação do dia 13 de março de 2016 promovida pelo grupo, com sua escolha atribuída por ser o último grande protesto antes da retirada de Dilma Rousseff da presidência do país. O segundo tempo é 17 de maio de 2017, dia em que Joesley Batista da JBS libera gravação onde o atual presidente Michel Temer aparece pedindo pagamentos para conseguir o silêncio de Eduardo Cunha. Escolhemos esse dia em comparação com o primeiro tempo analisado a fim de perceber se o grupo mudou seu discurso de um presidente (do PT) para outro (do PMDB). Já o terceiro tempo refere-se aos protestos contrários à exposição “*Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte*

¹¹ No original: “Data from academic research can have commercial value and commercial data can serve academic inquiry, leading to new partnerships and new tensions”.

Brasileira”, em que o MBL e outros grupos conservadores conseguiram, por acreditarem que a mostra ofendia a moral e os costumes, fazer o Banco Santander cancelá-la em 10 de setembro de 2017. Aqui, a escolha se deve ao fato de ser um dos primeiros momentos em que o grupo deixa de lado sua pauta liberal e assume ideais ultraconservadores. Por fim, o último tempo mostra o arquivamento do 2º julgamento para decidir se Temer era culpado dos crimes atribuídos pelo STF, realizado no dia 25 de outubro do mesmo ano.

Por ser a rede social mais usufruída pelo MBL, utilizamos da página oficial do grupo no Facebook para encontrar suas principais publicações em cada um dos tempos descritos acima. Sendo assim, para o processo de extração desses dados e da análise assertiva, realizamos a coleta de cada um desses dias a partir dos métodos digitais. Esse procedimento se torna possível através do *script* Ford, tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (Labic-Ufes), que colhe os dados da página e disponibiliza automaticamente para download as planilhas com diversas informações sobre os posts. Para este trabalho nos atentamos apenas em saber quanto de engajamento – curtidas, comentários e compartilhamentos – as postagens tiveram.

Com esse mesmo método, utilizamos a extração dos quatro tempos também nas páginas públicas de Kim Kataguiri e Fernando Holiday, por serem coordenadores do MBL e julgarmos interessante saber o posicionamento pessoal deles sobre cada um dos dias analisados, como forma de complementação da análise do movimento em que fazem parte.

Já com os dados em mãos, procuramos ler atentamente todas as postagens dos dias apontados a fim de facilitar a compreensão de cada um dos diferentes momentos pretendidos. Após identificadas as principais publicações, olhamos criticamente para as narrativas apresentadas e analisamos quais os discursos do MBL em cada uma dessas situações.

MBL: de ideais liberal a pautas conservadoras

O Movimento Brasil Livre se firmou durante os últimos anos como o principal grupo de direita do país, porém desde o início até a atualidade seu discurso tem sofrido

mudanças significativas. A parte empírica deste trabalho tem como interesse identificar tais mudanças, usando das principais postagens publicadas pelo movimento em sua página do Facebook durante quatro momentos importantes para o país.

Cada um desses momentos reflete pontos singulares do crescimento do grupo, que teve um começo agitado e incisivo ao propor e realizar protestos contrários à então presidente, mas que, depois que a direita conquistou suas reivindicações, passou a ser mais conservador e próximo de partidos políticos da nova – e velha – direita. Com base nesse movimento do objeto, nossa análise anseia identificar nas postagens do MBL quem e o que eles atacam, quais atributos textuais eles procuram utilizar para narrar os fatos, bem como jogar luz aos processos de doutrinação aproveitadas pelo grupo para transmitir suas opiniões. Em suma, queremos apontar resultados que nos ajudem a decifrar a real identidade do Movimento Brasil Livre, a partir da sua imagem nas redes sociais.

1º Momento: MBL como protagonista dos protestos antipetistas

A escolha do dia 13 de março de 2016, último grande ato em favor da retirada de Dilma Rousseff da presidência, se deve ao caráter de ser um evento que fecha o ciclo de manifestações do grupo, iniciado em 15 de março de 2015 e que levou milhões de pessoas às ruas do país, com bandeiras anticorrupção e antipetistas.

Em sua página nacional o MBL se articula como liderança, chamando seus seguidores para os protestos e referindo-se ao governo sempre em tom acusatório, como responsável de todas as crises por qual o país se encontrava. Durante os atos, as principais postagens que mais tiveram engajamento foram as que mostravam imagens ou vídeos das manifestações em algumas capitais brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Com uma narrativa que transmitia a empolgação do grupo para com o sucesso das manifestações, as postagens do dia deixavam de atacar políticos para externar o sentimento de agradecimento à população que estava nas ruas dando seu apoio. O post¹² com maior número de engajamento e que demonstra essa empolgação foi *“SUCESSO TOTAL! PAULISTA LOTADA E NÃO PARA DE CHEGAR GENTE! DIVERSAS*

¹² Disponível em

<https://www.facebook.com/mblivre/videos/vb.204223673035117/350481528409330/?type=2&theater>

CIDAES AO REDOR DO BRASIL REGISTRANDO SUAS MAIORES MANIFESTAÇÕES! PARABÉNS, BRASIL!”, que contou com 18.225 curtidas, 619 comentários e 9.016 compartilhamentos, registrando 18.844 de engajamento. A publicação, que apresentava uma cobertura da Rede Globo de Televisão sobre as manifestações, foi escrita totalmente em caixa alta e buscou evidenciar a animação do grupo naquele momento.

Por tudo isso, podemos visualizar nesse primeiro momento um MBL com uma discursividade que tinha como princípio unificar o país em prol das pautas do grupo e que obteve êxito ao conseguir fazer as pessoas saírem de suas casas para protestar. A procura pela efetivação dos protestos também podia ser percebida nas publicações das páginas pessoais dos coordenadores do MBL naquele dia. Kim Kataguiiri, por exemplo, deixava claro em um de seus posts que as manifestações teriam segurança¹³ da Polícia Militar. Em outro¹⁴, publicava que a Avenida Paulista já se encontrava cheia de gente antes mesmo do início do ato.

2º Momento: escândalo entre Michel Temer e Joesley Batista

O 2º tempo que utilizamos aqui para exemplificar a mudança do MBL no campo político brasileiro é o dia 17 de maio de 2017, data em que Joesley Batista da JBS mostrou gravações¹⁵ onde Temer aparece solicitando pagamentos para conseguir o silêncio de Eduardo Cunha. A data é importante por apresentar um presidente da república envolvido em esquemas de corrupção e perceber qual foi o posicionamento do grupo liberal-conservador sobre essa notícia.

Como primeira observação percebemos nesse dia um pequeno desvio na tipologia das postagens do movimento. Antes do escândalo de Michel Temer ganhar toda a atenção do público, o MBL vinha com uma série de publicações contrárias a Lula e ao PT, com narrativas que menosprezavam os anos em que o partido ocupou o poder no país e sempre doutrinando seus seguidores a não acreditarem em nada que o ex-presidente dizia. Porém, no momento em que Temer ganha o destaque dos grandes

¹³ Disponível em

<https://www.facebook.com/kataguiiri.kim/photos/a.833681423349725.1073741828.833053646745836/1104349142949617/?type=3>

¹⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/kataguiiri.kim/videos/1104383582946173/>

¹⁵ Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>

meios de comunicação, o grupo passa a publicar sobre ele, porém com pouco aprofundamento e ênfase.

Foram duas as principais postagens. Em uma o grupo publica um vídeo ao vivo, em caráter de urgência, sobre o escândalo envolvendo o presidente, pedindo sua renúncia logo depois. O post¹⁶ “*URGENTE: TEMER É PEGO EM GRAVAÇÃO; MBL PEDE RENÚNCIA*”, que utilizou de letras em caixa alta para chamar a atenção do público, teve um engajamento de 35.857, com 16.093 curtidas, 19.764 comentários e 6.634 compartilhamentos. No vídeo, Kim Katagiri e outros líderes do MBL pedem a renúncia de Temer, com o discurso de que o grupo foi sempre contra a corrupção e contra qualquer político ou partido.

Já a segunda e principal publicação¹⁷ desse dia também foi um vídeo, porém não apresentava nenhum integrante do grupo ou alguma opinião específica. Intitulado como “*Você quer a renúncia imediata de Temer?*”, a publicação pedia que os seguidores se utilizassem das *reactions* do Facebook para expressarem suas opiniões: quem curtiu o post era a favor da renúncia e quem reagisse com um *reaction* de raiva era contrário a abdicação de Temer. Com 24.898 votos a favor e 470 contrários, a grande maioria dos seguidores também era favorável ao afastamento do presidente, em uma publicação que gerou 4.780 compartilhamentos e conquistou um engajamento de 63.779, o maior número dentre todos os momentos analisados neste trabalho.

Todavia, embora o MBL se mostrasse contrário a Michel Temer, tal discurso se revelou bem menos defendido pelo grupo, saindo de sua pauta apenas um dia depois de revelado o envolvimento do presidente com esquemas de corrupção. Se no dia 17 e 18 o movimento se utilizou das redes para atacar Temer, a partir do dia 19 ele voltou com suas narrativas antipetistas e favoráveis às políticas de reforma trabalhista e previdenciária. O que nos chama atenção é a mudança no discurso de um presidente para o outro. Se em 2015-2016 o grupo, que sempre disse ser anticorrupção, era duro e enfático ao se dizer contra Dilma Rousseff e promover passeatas a favor de seu *impeachment*, em 2017 o mesmo grupo se mostrou mais ténue com as gravações de Temer, escrevendo posts em favor da renúncia em um primeiro momento, mas depois ignorando o caso e voltando sua atenção ao Partido dos Trabalhadores.

¹⁶ Disponível em

<https://www.facebook.com/mblivre/videos/vb.204223673035117/597831427007671/?type=2&theater>

¹⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/mblivre/videos/597803517010462/?permPage=1>

É interessante notar que o mesmo acontece nas páginas pessoais dos organizadores do MBL. Kim Katagui, por exemplo, postou em favor da renúncia de Temer, mas publicou¹⁸ muito mais sobre como a esquerda estava infeliz ao perceber que a operação Lava Jato não era apenas para denunciar a corrupção do PT. Já Fernando Holiday, vereador de São Paulo e um dos coordenadores do movimento, também apenas citou que era favorável à renúncia, mas estava mais interessado¹⁹ em defender o programa “Escola sem Partido” nas escolas do município.

3º Momento: MBL como articulador da moral e dos bons costumes

O terceiro momento por nós analisado sai um pouco da esfera política e vai para a área da cultura e do comportamento. Apropriados cada vez mais de pautas conservadoras, o Movimento Brasil Livre protagonizou em setembro de 2017 alguns protestos contrários à exposição “*Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*”, queixando-se de que algumas das obras incitavam a pedofilia, zoofilia e ofensas à fé cristã.

Com uma campanha nas redes sociais que exigia o fechamento da mostra, o grupo se uniu a outros movimentos religiosos e conseguiu pressionar o Banco Santander a cancelar a exposição. Com uma articulação que envolveu todas as redes do grupo, o boicote exibiu uma guinada drástica em direção a pautas conservadoras e a políticas de tolerância mínima para com manifestações culturais que julgam serem ofensivas à moral da “gente de bem”, pautas que fogem um pouco do liberal defendido pelo grupo desde sua criação.

Em sua página do Facebook, a publicação de maior destaque sobre o tema foi no dia 10 de setembro e comemorava a “*Vitória da pressão popular!*”²⁰, com a divulgação de uma matéria do site Jornalivre que comemorava o êxito dos protestos. Com mais de 14 mil curtidas, 1.084 comentários, 2.450 compartilhamentos e um total de 13.779 de engajamento, o fim da mostra foi exaltado por muitos seguidores do grupo.

¹⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/katagui.kim/photos/a.833681423349725.1073741828.833053646745836/1516682198382974/?type=3>

¹⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/fernandoholiday.mbl/videos/1887956481442509/>

²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/mblivre/posts/679961712127975>

Um dia depois, em 11 de setembro, o MBL publicou²¹ um vídeo onde Kim Kataguirí aparece comemorando a pauta ganha e questiona as acusações de que o ato feria a liberdade de expressão e de que o grupo perseguia o público LGBT. Segundo o coordenador, as acusações da esquerda não passavam de “vitimismo”, sendo que, em sua visão, eram eles que pregavam contra a fé cristã ao insultar Jesus Cristo e a religião em si. Intitulada de *“O Santander cancelou uma amostra de “arte” com material que contém pedofilia e zoofilia direcionado a público escolar após pressão nas redes do MBL e de outros grupos de direita”*, a publicação conseguiu 12.142 curtidas, 914 comentários e 7.134 compartilhamentos, chegando ao total de 11.264 de engajamento.

Como recurso discursivo utilizado pelo grupo em suas postagens, percebe-se uma “guerra ideológica” entre a direita e a esquerda. Mesmo em um tema relativamente fora do campo político o MBL continua a promover o ataque aos grupos de ideologia contrária à sua, menosprezando-os e atribuindo forte discurso positivista a eles pelos “ataques” contra os ideais conservadores. O evento é o primeiro a mostrar o avanço do grupo na área dos costumes, mas não o primeiro a ser utilizado como combustível para atacar a esquerda e seus partidos.

4º Momento: o silêncio do MBL sobre Michel Temer

O quarto momento volta a focar em entender o comportamento do MBL em situações onde o atual presidente Michel Temer encontra-se envolvido em denúncias de corrupção. O caso recortado por este momento refere-se ao episódio²² ocorrido no dia 25 de setembro de 2017, onde a Câmara dos Deputados derrubou uma segunda denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o presidente.

Com a vitória, alguns seguidores do grupo no Facebook começaram a comentar nas postagens da página que gostariam de uma opinião pública do MBL sobre o arquivamento da denúncia. Porém, o que foi percebido ao analisar a linha do tempo de postagens desse dia foi, novamente, muitos ataques aos partidos e pautas da esquerda, a Lula e Dilma, além de publicações que repudiavam uma decisão da ministra Cármen Lúcia de permitir um feriado prolongado para todos os servidores do STF. A principal

²¹ Disponível em

<https://www.facebook.com/mblivre/videos/vb.204223673035117/680258218764991/?type=2&theater>

²² Disponível em <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,camara-derruba-segunda-denuncia-contra-michel-temer-e-ministros,70002060600>

postagem do dia, por exemplo, apresentava a blogueira e jornalista Joice Hasselmann comentando uma suposta estratégia de Lula para as eleições de 2018.

Sobre Temer, a publicação²³ com maior engajamento apresentava um vídeo ao vivo da Câmara dos Deputados votando. Com a legenda “*AO VIVO: Câmara atinge quórum e votará denúncia de Janot contra Michel Temer e ministros em breve*” o post perguntava aos seguidores se eles eram favoráveis ou contrários a aceitação da denúncia contra Temer, onde mais de 3.500 pessoas votaram a favor e 290 votaram contra o presidente ser acusado. O vídeo foi visto 96 mil vezes e a publicação conseguiu mais de 4.500 curtidas, 3.400 comentários e 770 compartilhamentos, somando assim um engajamento de 8.751 pessoas impactadas.

As outras 4 postagens (dias 25 e 26) do grupo que falavam sobre o caso apenas chamavam para novos links ao vivo da Câmara ou informavam a notícia de que Temer não seria denunciado, sem apresentar nenhum posicionamento crítico a respeito do fato, o que gerou a ira de alguns seguidores que voltaram a comentar sobre como a parcialidade política do MBL. O silêncio também foi encontrado nos perfis pessoais dos coordenadores do grupo, que ou compartilhavam as postagens já publicadas na página do movimento ou aproveitavam o período para afrontar a esquerda (dizendo que quem votou em Dilma também votou em Temer, por exemplo).

Percebemos, por fim, na linha do tempo desse recorte uma multiplicidade de pautas liberais e conservadoras que hoje são postas como o cerne ideológico do Movimento Brasil Livre. Observa-se postagens liberais contrárias ao fim dos aplicativos de transporte privado (como o Uber) e críticas aos gastos do STF, mas também notam-se posts de cunho conservador, como as de repúdio a leis de incentivo cultural (Lei Rouanet, Lei do Audiovisual) e exposições ou mostras artísticas. Publicações de políticos e personalidades que endossam o discurso do grupo são celebradas em sua página, principalmente quando atacam a esquerda.

Limitações da pesquisa

Durante a realização deste trabalho encontramos algumas limitações do método de pesquisa e de aspectos não debatidos nos resultados, que poderiam ter complementado

²³ Disponível em <https://www.facebook.com/mblivre/videos/718750571582422/>

ainda mais o projeto. Um desses contratempos se deve ao fato do *script* utilizado não conseguir coletar todas as *reactions* do Facebook, pelo fato da inovação não existir antes de 2016, o que impossibilitou uma análise completa e mais aprofundada dos sentimentos expressados pelos seguidores para com as postagens do MBL. Também não aprofundamos neste artigo as publicações oficiais de todos os principais coordenadores e integrantes do Movimento Brasil Livre, já que não foram encontradas páginas públicas desses atores na rede social ou não haviam publicado nada durante os tempos analisados.

Finalmente, a maior limitação por nós encontrada foi a complexibilidade do objeto, tanto a direita quanto o MBL em si. Optamos por priorizar pontos como a formação da nova direita em solo brasileiro e a busca pela compreensão dos processos narrativos e discursivos do movimento em sua página oficial. Em trabalhos futuros queremos reforçar o que foi aqui debatido, com a produção de um glossário com os principais verbetes utilizados pelo grupo na composição de suas mensagens, a visualização das redes de ligações entre o MBL e outros grupos e partidos de direita no campo político do país, além de outras estatísticas mais completas e detalhadas.

Conclusão

O Movimento Brasil Livre se firmou como principal grupo antipetista e anticorrupção nas manifestações de 2014 a 2016, porém seu discurso sofreu bastante controvérsia após a entrada de Temer na presidência da república. O que nosso trabalho buscou provar foi o surgimento de nova identidade política e pró-conservadora do grupo, ideais que ganharam as publicações em sua página do Facebook de 2016 para cá.

Com a utilização da Ciência de Dados, verificamos que os ataques à esquerda e seus partidos e aliados continua a fazer parte da maioria das postagens do movimento, configurando-se como principal discurso narrativo do MBL. Mesmo que visualizemos a presença de publicações que saem dessa regra, boa parte dos posts ainda utilizam a máxima do “ataque à esquerda” para afrontar seus inimigos.

Ao levantar pautas conservadoras e se aliar a partidos da direita o movimento muda a cara que tinha em 2014, totalmente voltada para protestos anti-Dilma e anti-PT, e apresenta uma nova realidade ideológica, muito mais próxima da máquina do poder e

agora capaz de silenciar expressões culturais da esquerda, como o boicote a exposições artísticas que o grupo julga ofender a imagem cristã da família brasileira, por exemplo.

Em suma, o que percebemos com a produção deste trabalho foi o nascimento do novo posicionamento do MBL, iniciado a partir do *impeachment* de Dilma, onde a partir desse momento ele começou o processo de mudança estrutural, atuando como idealizador e porta-voz da nova direita no Brasil. A mudança identitária do grupo foi importante para acarretar toda a nova estratégia de existência do movimento em um país onde a esquerda não mais governa, tornando necessário alterar seu cerne para poder continuar sendo relevante.

Referências

Amadeu, S., 2015. Direita nas redes sociais online. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cotas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp.213-230

Borgman, C., 2015. *Big data, little data, no data. Scholarship in the networked world*. Cambridge-London: The MIT Press.

Boyd, D.; Crawford, K., 2012. Critical questions for big data: Provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. In *Information Communication & Society*, 15(5). Paris: Routledge, pp. 662-679.

Caldas, M. S.; Silva, E. C. C., 2016. *Fundamentos e aplicação do Big Data: como tratar informações em uma sociedade de yottabytes*. In *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 3(01), jan. /jun., pp. 65-83.

Carta Capital, 2017. '*Liberal*', MBL oscila entre o Estado mínimo e o conservadorismo moral. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/liberal-mbl-oscila-entre-o-estado-minimo-e-o-conservadorismo-moral> . Acesso 01/10/2017.

Codato, A.; Bolognesi, B.; Roeder, K. M., 2015. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cotas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 115-143

Comparato, B. K., 2014. Eleições e Representação Política: Uma direita radical no Brasil? In *IX Encontro da ABCP*. Brasília: Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Delcourt, L., 2016. Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. In *Lutas Sociais* 20(36). São Paulo: PUCSP, pp. 126-139

Di Martino, B. et al., 2014. Big data (lost) in the cloud. In *International Journal of Big Data Intelligence*, 1(1/2), pp. 3-17.

Dumbill, E., 2012. *What is big data? An introduction to the big data landscape*. O'Reilly Media, Inc. Disponível em: <https://goo.gl/W2b7F> . Acesso em 20/09/2017.

Farrell, H., 2012. The Consequences of the internet for Politics. In *Annual Review of Political Science*, 15(01). Washington: George Washington University, pp. 35–52.

Herman, M. et al. 2013. *The Field Guide to Data Science*. Virginia: Booz Allen Hamilton Inc.

Koerner, A.; Schilling, F., 2015. O direito regenerará a República? Notas sobre política e racionalidade jurídica na atual ofensiva conservadora. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cudas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 75-90.

Lagoze, C., 2014. Big Data, data integrity, and the fracturing of the zone control. In *Original Research Article. Big Data & Society*. SAGE Publications. July-December, pp. 1-11.

Lemos, A., 2011. *Cartografia das controvérsias*. Disponível em: <http://prezi.com/bxz1z7h3xnga/cartografia-de-controversias>. Acesso em 08/10/2017.

Malini, F., 2016. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidade em rede. In *XXV Encontro Anual da Compós*, Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

Manika, J., 2011 et al. *Big data: The next frontier for innovation, competition, and productivity*. Disponível em: <https://goo.gl/EHAhVV> . Acesso em 25/09/2017.

Manovich, L., 2011. *Trending: The Promises and the Challenges of Big Social Data*. Disponível em: <http://goo.gl/lqIlgGF> . Acesso em 20/09/2017.

Margetts, H. et al. 2015. *Political turbulence: How social media shape collective action*. Princeton: Princeton University Press.

Marr, B., 2017. *Big Data: The 5 Vs everyone must to know*. Disponível em: <https://goo.gl/i9TLRh> . Acesso em 27/09/2017.

McAfee, A.; Brynjolfsson, E., 2012. *Big data: The management revolution*. Harvard Business Review, 90(10), pp. 60.

Moraes, D., 2001. *O ativismo digital*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html> . Acesso 03/10/2017.

Moraes, R. C., 2015. A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator da subjetividade da contrarrevolução. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cudas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 231-248

Outras Mídias, 2017. *A “Nova direita” diante de suas contradições*. Disponível em: <http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/a-nova-direita-diante-de-suas-contradicoes/> . Acesso 02/10/2017.

Outras Mídias, 2017. *Nova Direita: think tanks, apoio externo, rede social*. Disponível em: <http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/nova-direita-think-tanks-apoio-externo-e-redes-sociais/> . Acesso 02/10/2017.

Rocha, C., 2015. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Codas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 261-278

Rodrigues, A., 2017. *Visualização de dados científicos no cenário da data science: Produção de formatos inovadores disruptivos*. Qualificação de Doutorado. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba.

Sader, E., 1995. *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Santos, T. C.; Vieira, V. C., 2016. Representações da Presidenta Dilma Rousseff pelo “Movimento Brasil Livre”. In *Discurso & Sociedad*, 10(4), pp. 588-609.

Schönberger-Mayer, V.; Cukier K., 2013. *Big data: como extrair volume, variedade, velocidade e valor da avalanche de informação cotidiana*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Silva, G. J., 2014. Conceituações teóricas: esquerda e direita. In *Revista Humanidades em Diálogo*, 6(05). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP. pp. 149-162.

Tatagiba, L.; Trindade, T.; Teixeira, A. C., 2015. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In S. Velasco; A. Kaysel; G. Codas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 197-212.